

as mãos

RUI TEIXEIRA MOTTA

PREFÁCIO
ANTÓNIO CARLOS CORTEZ

FICÇÃO • POESIA

ÍNDICE

Prefácio de António Carlos Cortez

Ofício de paciência: as mãos e a escrita

(Rui Teixeira Motta e a temperança do espanto) 11

as mãos

1. Cascata	25
2. Cirurgia	26
3. Mar	27
4. Corpo	28
5. Ponta da língua	29
6. Espelho	30
7. À noite	31
8. Elipses	32
9. Cheiro	33
10. Depois	35
11. Descalço	36
12. Corpos novos	37
13. A vau	38
14. Castelo	39
15. Manhãs	40
16. Deuses	41

17. Mundo	42
18. Coincidência	43
19. Mastros	44
20. Vento	45
21. Tudo	46
22. Mãos de mulher	47
23. Nudez	48
24. Céu	49
25. Diamante	50
26. Nós	51
27. No pomar (10 poemas):	52
28. Dedos	62
29. Eu	63
30. Escrito no chão	64
31. Perfeição	65
32. Estranha palavra	66
33. Luz	67
34. Voz	68
35. Linha recta	69
36. Onda	70
37. Sem mar	71
38. O dito e o dizer	72
39. Faísca	73
40. Olhar	74
41. Limite	75
42. Deus	76
43. Dois silêncios	77
44. Fio	78
45. Sempre	79
46. Velho	80
47. E o outro a voar	81
48. Âncoras	82
49. Rega	83
50. Laranjeira	84
51. Folha	85
52. Árvore	86
53. Sede	87

54. Não saber	88
55. Caminhos	89
56. Voo	90
57. Setembro	91
58. Ferrão	92
59. Aproximação	93
60. Ferida	94
61. Fio a fio	95
62. Fogo	96
63. Navalha	97
64. Anatomia	98
65. Atrás da noite	99
66. Toureiro	100
67. Fico por aqui	101
68. Ave exótica	102
69. Peso	104
70. Caracol	105
71. De madrugada	106
72. Pêndulo	107
73. Casa	108
74. Lava	109
75. Sexo	110
76. Nunca outra vez	111
77. Verso	112
78. O longe do mar.	113
79. Outono	114
80. Aquele parado andar	115
81. Aprendiz	116
82. Perfeição	117
83. Andar	118
84. Cor	119
85. Barco	120
86. Olhar das manhãs	121
87. Página branca	122

PREFÁCIO DE
ANTÔNIO CARLOS CORTEZ

OFÍCIO DE PACIÊNCIA: AS MÃOS E A ESCRITA (Rui Teixeira Motta e a temperança do espanto)

A poesia de Rui Teixeira Motta mergulha-nos num plano que é quase indizível, ou inominável, por isso poesia sóbria, austera, ainda que aberta a um certo espanto, a um quê de surpresa, como se nela ainda encontrássemos uma espécie de fascínio (ou de ingenuidade) propiciatória, em nós, leitores, de um mesmo nível de encanto, e às vezes de irónica indignação, perante a vida. Isto quer dizer – para ser claro – que raras vezes, na poesia portuguesa mais recente (digamos, os últimos 20 anos), encontraremos um autor, como é o caso do autor de *As Mãos*, onde a palavra de novo recupera – ou a si própria se resgata – dos maus usos, por de mais poéticos, por de mais da moda, por de mais estéreis, por de mais prosaicos, em que tanta obra pública e publicada (E elogiada! E tida por poética!) tem caído.

Rui Teixeira Motta publicou quatro recolhas (publicou no final da década de 1990 e, depois de um intervalo de mais de 20 anos, decidiu dedicar-se em exclusivo à escrita, publicando em 2021, em 2022 e 2024) e alcançou, num pequeno, mas sólido, grupo de leitores – que o lêem –, um lugar muito especial. Eu conto-me entre essas pessoas (uma outra será Maria do Rosário Pedreira)

que, ao contactarem com os pequenos (grandes!) poemas do autor de *Refracção* (Gato Bravo, 2021), experimentam um certo deslumbramento em face de imagens, de raciocínios, de pormenores que, estou certo, desarmariam o mais céptico ou cristalizado. É que, como este conjunto de mais de 80 poemas comprova, a voz de Rui Teixeira Motta não tem, hoje, outra que se lhe iguale. Ninguém, no actual momento em que vivemos de poesia portuguesa, está escrevendo os poemas a um tempo simples e complexos (aquela «simplicidade complexa» com que Caeiro se autodefiniu e definiu o seu estilo) como é o caso destes que agora chegam à editora Guerra e Paz e à sua preciosa colecção.

Simplicidade complexa, eis, de facto, o primeiro dos aspectos a considerar quando lemos – e tem de ser em voz alta em alguns casos e, quase sempre, em *sotto voce* – este poeta que arrasta para os seus textos uma dicção surpreendentemente pura. Essa pureza assente em versos de sintaxe simples não é sinónimo de ligeireza, mas sim de uma forma de estar na poesia como se procura estar na vida: cultivando gestos simples, construindo uma amenidade que reenvia a vozes clássicas, dialogando com certa poesia palatina.

Um ou dois exemplos, para que se perceba:

*Quando a água escorre da cascata
não tem nenhum sentido.*

*É quando bate na pedra
que ganha a forma de um corpo
um estado quase sólido
o puro líquido.*

E este:

*Primavera
corpos novos
em folha.*

Se escolho um poema com um dístico e uma quadra e, depois, um poema que é um *haiku*, isso prende-se com essa vontade de fazer do texto uma arquitetura métrica e uma morada forte de que os versos serão as colunas basilares. Versos por isso mesmo curtos, enxutos, onde a parcimónia do juízo sobre os homens é proporcional à delicada filigrana que, sob a aparência de facilidade, exige um labor íntimo. Por isso, há momentos neste *As Mãos* verdadeiramente originais, mas no duplo sentido da palavra: originais pela propriedade de certas imagens e metáforas de sentimento (na definição que lhe deu I. A. Richards, que separa metáforas de pensamento das de sentimento), mas originais porque a palavra de Rui Teixeira Motta demanda esse paraíso perdido de uma fala que pudesse, pelo simples facto de anunciar e de enunciar (anunciar futuros possíveis e enunciar verdades ocultas, pequenos sinais de vida num mundo votado ao império da morte), ser uma palavra virginal. Uma sequência de *haikus* demonstra-o neste livro. Mas demonstra-o também um poema notável a vários níveis: na admissão da finitude, na abnegação dos trabalhos da vida serem os trabalhos da morte, na lúcida sagacidade – sem malícia nem revolta – de ler a existência como algo similar ao trabalho de lapidação do poema. O trabalho de viver é similar ao trabalho de polir, de engendrar, de cultivar – no terreno da cultura e no terreno dos dias que se sucedem – versos perenes:

*O trabalho de um velho
é árduo e infinito
falar não com a morte
ou com a vida
nem uma coisa nem outra
coisa nova
falar com o que já não somos
ao que não vamos ser
encostar o ouvido.*

E se assim é, não se diz não à própria meditação sobre o que é fazer essa arte verbal, a poesia, cujo trabalho do verso é, afinal de contas, herdeiro da imagem do lavrar da charrua. Mudar de verso, pesar as sílabas e as palavras, encontrar a medida exacta para dizer o poema que dirá de uma visão de mundo, essa é uma raríssima conquista na poesia portuguesa actual, tão provincianamente americanizada, ou abrasileirada, tão ideologicamente comprometida com os ismos de uma acefalia global (do wokismo aos outros ismos que se querem políticos em arte e esquecem que a arte, para ser política, tem de ser arte primeiramente).

Rui Teixeira Motta tem uma outra sequência onde a reflexão sobre o que pode ser um poema vale a pena ser lida. Antes disso, porém, um apontamento: são muitos os poemas em que a poesia é o assunto. Só os poetas medíocres, disse-o Vítor Aguiar e Silva, receiam escrever sobre o enigma e a aventura da escrita poética. A questão não está em pensar sobre o que é fazer um poema e pensá-lo de modo leviano, gratuito. A questão está – e coloca-se exactamente assim neste autor – em articular esse fazer com uma delimitação de um quadro de valores ético e de propostas estéticas que justificam a construção de um livro que é espelho da vida.

Por isso mesmo, estes poemas que transcrevo mostram bem em que perímetro a escrita de Rui Teixeira Motta se labora e de que modo esse labor não é virtuosismo (mas *virtuose* e virtude), redacção tensional e desejo de transparência, plano de visão, enfrentamento do escuro; poesia que se faz dentro de certos limites (métricos, estróficos, estilísticos) e sempre consciente de que as mãos da poesia são olhos que orientam o poeta (um cego, um aprendiz da vida, um peregrino) nas trevas. Alguma coisa do poeta tal qual é figurado pelo grande poeta chileno Óscar Hahn comparece aqui: o poema é o lugar onde «[...] cabem / aqueles limites únicos / aquelas proporções inesperadas / quando as estrelas desaparecem / por excesso de luz na madrugada».

*A poesia
não é um exercício de virtuosismo.
também não explica o mundo
é mais superficial e mais funda.
o ranger de uma pedra
a desfazer-se na luz.*

Leiam-se ainda mais uns quatro desses magistrais metapoemas.
Neste primeiro, a definição de um alvo a atingir – uma escrita:

O dito e o dizer

*Nós somos o nosso estranho
basta escrever um poema
para logo perceber
entre o dito e o dizer*